

Confiança na economia

Ao inaugurar o gasoduto entre Rio e Minas e participar do vigésimo aniversário da Fiat, o presidente Fernando Henrique Cardoso fez um pronunciamento otimista sobre o desenvolvimento nacional. Os dados mais recentes, tanto do poder público como de entidades privadas, indicam de fato uma significativa melhoria de vários setores econômicos, com ênfase na indústria em geral. A inflação mensal continua baixa embora sujeita a fatores conjunturais, como a elevação de tarifas de transporte coletivo, que puxou para cima a taxa inflacionária de São Paulo, medida pela Fipe em 1,46%. Em Brasília, ao contrário, os indicadores da Codeplan mostram que o custo de vida voltou a cair, fechando junho com 0,45% de aumento contra 1,85% em maio. No total, o acumulado do ano é de 7,94% até o final do primeiro semestre.

Há motivos, portanto, para se manifestar confiança na economia. O País recebe este ano algo em torno de US\$ 8 bilhões em investimentos estrangeiros, quase dez vezes mais do que recebeu há apenas dois anos. A própria Fiat, visitada pelo Presidente da República, está em processo de grandes inversões, ao lado das montadoras já instaladas e de outras que chegam ao País, como a Honda, a Renault, a Asia, a Hyundai e outros gigantes. Não só na indústria automobilística e nem só de capitais estrangeiros está se beneficiando o Brasil, nesta fase de

Brasil
reformas constitucionais e de estabilidade da moeda. Também grandes grupos econômicos nacionais ampliam seus negócios, como a Perdigão, que chega agora a Goiás e a Minas Gerais num vasto projeto de mais de R\$ 300 milhões.

A fase de desenvolvimento com estabilidade muitas vezes é esquecida em benefício de notícias de problemas sociais e de impasses políticos. Nem o Presidente e nem o mais otimista dos investidores pretende negar o elenco de questões sociais candentes que constitui a fatura mais antiga da Nação. Mas uma visão exclusivista de tragédias não é a melhor maneira de se avaliar a atual conjuntura brasileira, muito rica em projetos de desenvolvimento econômico e tecnológico que, em última instância, pretendem justamente aumentar a riqueza nacional e a sua melhor distribuição. O desenvolvimento é a melhor maneira de enfrentar desafios sociais, como proclamou, na década de 60, o pontífice Paulo VI em sua famosa encíclica "Populorum Progressio". Antes dele, no Brasil, JK advogava a mesma filosofia, pretendendo que só o desenvolvimento daria resposta às necessidades sociais do povo brasileiro. O falecido Presidente estava certo, como certo está o governo FHC em levar adiante a mesma bandeira do progresso como grande solução aos nossos velhos e novos problemas sociais.